



**IIº SEMINÁRIO NACIONAL  
ESPAÇOS COSTEIROS**  
03 a 06 de junho de 2013

Eixo Temático 1 – Pesca e Aquicultura: produção, trabalho e cotidiano

**SABERES E PRÁTICAS DO COTIDIANO: A NATUREZA PARA OS  
PESCADORES ARTESANAIS**

Cheles Batista Martins

Aluna do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Faculdade de Formação de  
Professores – Universidade do Estado do Rio de Janeiro

chelesgeo@hotmail.com

Rodrigo Corrêa Euzebio

Aluno do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Faculdade de Formação de  
Professores – Universidade do Estado do Rio de Janeiro

euzebiogeo@gmail.com

**Resumo**

Em suas atividades diárias o homem participa de práticas sociais que irão influenciar na forma de enxergar o mundo e de se enxergar nele. A vida familiar, as relações de trabalho, os movimentos sociais, as manifestações culturais, etc., interferem na visão de mundo que cada um de nós possui. Essa visão de mundo, que está condicionada às condições sociais do homem, o faz produzir determinados conceitos sobre as coisas. Portanto, há dois tipos de conhecimento: aquele procedente do espaço escolar (a educação formal) e aquele produzido fora do ambiente escolar a partir do cotidiano das pessoas. Neste sentido, este trabalho tem como enfoque o conceito de natureza produzido a partir das práticas sociais de um grupo social, neste caso um grupo de pescadores, buscando analisar como este grupo concebe a natureza. A importância deste tema no momento atual, em que crescem os impactos ambientais nas áreas costeiras, se justifica pelo fato de que o modo como a natureza é percebida pelos pescadores artesanais em suas práticas cotidianas nos aponta novos caminhos para pensarmos os territórios costeiros.

Palavras-chave: Conhecimento informal, Práticas Sociais, Pescadores Artesanais, Natureza.



## **I. INTRODUÇÃO**

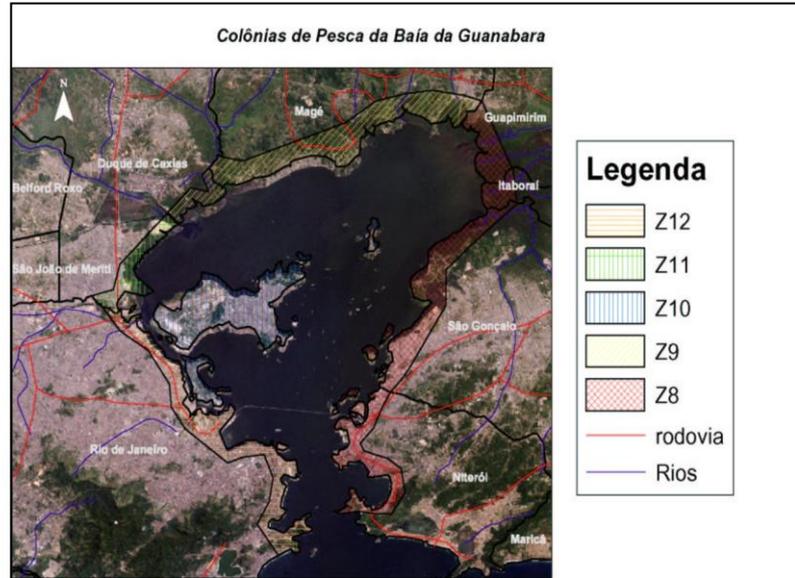
O presente trabalho é fruto da soma entre reflexões acerca de como a natureza é abordada no ensino de Geografia e experiências em pesquisas com pescadores artesanais da baía de Guanabara, situada na região metropolitana do Rio de Janeiro. Procuramos discutir as diversas concepções de natureza existentes e realizar um aprofundamento na relação homem-natureza analisando o modo de vida dos pescadores artesanais.

Ao analisar a relação homem-natureza a partir dos pescadores artesanais, grupo intimamente ligado em seu cotidiano à dinâmica do meio natural, buscamos compreender a percepção de natureza que estas pessoas possuem. Acreditamos que o homem, por sua essência, é também componente da natureza, porém o modo de vida que levamos e a forma como se aborda este tema nas disciplinas escolares nos dificulta esta percepção. Enquanto que os pescadores artesanais, por seu convívio diário com as incertezas e mudanças da natureza, podem nos oferecer uma percepção diferente.

O nosso trabalho contou com algumas entrevistas realizadas entre os anos de 2011 e 2012. Estas entrevistas não tinham como principal objetivo investigar a percepção de natureza destas pessoas, mas as suas práticas cotidianas em meio ao contexto metropolitano do Rio de Janeiro. Contudo, estas entrevistas nos forneceram um material imprescindível para elucidarmos a questão que lançamos neste trabalho.

Assim, entrevistamos pescadores da colônia Z8, que abrange os municípios de São Gonçalo, Niterói, Itaboraí e Guapimirim, na orla oriental da baía de Guanabara (mapa 01). Os pescadores desta colônia se caracterizam, em sua maioria, pela pesca com barcos de pequeno porte denominados de caíque. São classificados como artesanais, pois praticam a pesca com meios próprios, ou em parceria, e suas técnicas dependem exclusivamente de seus saberes e força física. Estes trabalhadores valorizam muito o cuidado com a natureza, pois dela retiram o sustento de suas famílias, numa relação amparada pela tríade respeito-conhecimento-dependência.

**MAPA I: Baía de Guanabara, distribuição das colônias de pescadores.**



Fonte: RESENDE, 2005

Portanto, acreditamos que a compreensão da percepção de natureza dos pescadores artesanais será bastante desmistificadora do que é a natureza para este grupo, nos permitindo uma reflexão mais profunda sobre a relação do homem com o seu meio. Antes, faremos uma cuidadosa análise das diferentes percepções de natureza presentes na sociedade, sobretudo numa sociedade em que tudo vira mercadoria.

## II. AS CONCEPÇÕES DE NATUREZA

Em suas atividades diárias o homem participa de práticas sociais que irão influenciar na forma de enxergar o mundo e de se enxergar nele. A vida familiar, as relações de trabalho, o espaço escolar, os movimentos sociais, as manifestações culturais, etc., tudo isso nos possibilita ter práticas sociais cotidianas que interferem na visão de mundo que cada um de nós possui. Portanto, a nossa visão de mundo está condicionada às condições sociais nas quais estamos inseridos e nos faz produzir determinados conceitos sobre as coisas.

Para Vygotsky (1989) a formação de conceitos nada mais é do que um ato de generalização e todos nós temos a capacidade de formular conceitos prévios sobre as

Eixo Temático 1 – Pesca e Aquicultura: produção, trabalho e cotidiano

coisas que vemos e lidamos em nossas práticas cotidianas, antes mesmo de fazermos parte de um processo de ensino-aprendizagem escolar em que nos são instruídos os conceitos científicos.

No que se refere aos conhecimentos escolares vale ressaltar que vivemos numa época em que cada vez mais o conhecimento oficial é valorizado pela Ciência e pelo Estado, e os conhecimentos cotidianos advindos das práticas sociais dos grupos com pouca ou nenhuma representatividade tendem a ser menosprezados e rotulados como mera sabedoria popular. Apple, fazendo uma análise sobre o poder do Estado em legitimar o conhecimento, nos informa que: “Um dos modos pelos quais a direita é capaz de exercer seu crescente poder é através do controle de mecanismos governamentais que outorgam legitimidade ao conhecimento de grupos particulares.” (APPLE, 1997, p. 25). Portanto, o conhecimento transmitido pelas escolas aos diversos grupos sociais pertence a um conjunto de pessoas que detêm o poder hegemônico sobre a sociedade, e é este conhecimento que será imposto como o mais valioso e oficial, ficando os outros tipos de conhecimento à margem do currículo escolar.

Com esta perspectiva, este trabalho leva em consideração que há dois tipos de conhecimento: aquele procedente do espaço escolar (a educação formal) e aquele produzido fora do ambiente escolar a partir do cotidiano das pessoas. Neste sentido, este artigo possui como enfoque o conceito de natureza produzido a partir das práticas cotidianas de determinado grupo social, neste caso um grupo de pescadores artesanais, buscando analisar como este grupo concebe a natureza em seu trabalho, trabalho aqui entendido como uma prática social cotidiana.

Existem diversas concepções de natureza tanto em Geografia quanto em outras ciências, tanto no meio científico quanto no senso comum. Tamaio, por exemplo, fazendo um estudo sobre as concepções de natureza de alunos entre 11 e 13 anos de uma escola municipal em São Paulo observou que deles advinham seis concepções:

A romântica que idealiza uma natureza harmônica, enaltecida, com beleza estética e sem a presença do homem; a utilitarista que considera a natureza como fonte de recursos para o homem; a científica que enxerga a natureza como uma máquina inteligente em permanente funcionamento, capaz de responder às agressões do homem; a generalizante que define a natureza de forma muito

Eixo Temático 1 – Pesca e Aquicultura: produção, trabalho e cotidiano

ampla e abstrata, como se tudo fosse natureza; a naturalista que encara a natureza como tudo que não sofreu transformação pelo homem; e a sócio-ambiental que vê a natureza constituída pelo homem e pela paisagem construída. (TAMAIIO, 2002, p. 43-46).

Esta pluralidade de concepções obedece aos paradigmas vigentes em cada ciência e às práticas sociais de cada grupo, “sofrendo mutações de acordo com cada período histórico vivido pelas sociedades, pois em cada momento histórico são estabelecidas novas relações da vida social com a natureza” (SANTOS, 2007, p. 22). Deste modo, a natureza que o homem conhece é sempre pensada no tempo e no espaço de forma que o seu significado não é o mesmo para diferentes grupos sociais, pois “não existe uma Natureza em si, existe apenas uma Natureza pensada. (...). A natureza em si, não passa de uma abstração. Não encontramos senão uma idéia de natureza que toma sentido radicalmente diferente segundo as épocas e os homens” (LENOBLE, 1969 apud DULLEY, 2004, p. 16).

Assim, a idéia de natureza é concebida a partir de relações sociais, e sofre mudanças de acordo com o percurso histórico destas relações, existindo, portanto, inúmeras variações de se pensar a natureza. Neste sentido, para cada ciência que trata deste tema e para cada grupo social poderá haver uma concepção diferente de natureza definida a partir de um consenso. Portanto, todo conceito é uma representação social de algo. “Os conceitos são processos historicamente determinados e culturalmente organizados” (TAMAIIO, 2002, p. 30).

Na ciência geográfica, por exemplo, o conceito de natureza vem sofrendo reformulações epistemológicas nas últimas décadas que buscam incorporar novos olhares para a interpretação de problemas atuais, principalmente no que diz respeito às questões ambientais. E essas reformulações anseiam refletir no ensino da Geografia no Brasil. No entanto, durante um longo período do século XX o conceito de natureza utilizado no âmbito da geografia escolar estava comprometido com o projeto estatal de construção de uma identidade nacional. Na escola, visava-se à transmissão de conhecimentos sobre o quadro físico do país com a descrição enaltecida das suas dimensões e paisagens diversificadas, tendo a Geografia, portanto, relevante papel no desenvolvimento do nacionalismo no país através deste conceito.

Eixo Temático 1 – Pesca e Aquicultura: produção, trabalho e cotidiano

A partir de 1960 as mudanças políticas, econômicas e sociais em nosso país mostraram a necessidade de se atualizar o quadro teórico-metodológico da Geografia, havendo o início de uma mudança de pensamento nesta ciência, o que se refletiu também no conceito de natureza. Neste contexto, a Geografia Crítica começa a se desenvolver e ganha relevância na década de 80 com a introdução do marxismo no discurso geográfico. A Geografia Crítica de orientação marxista baseia-se no método filosófico do materialismo histórico-dialético que pressupõe que as contradições são exteriorizadas pelo homem na ação do seu trabalho e se materializam no espaço dando forma a este espaço. E para a compreensão destas formas espaciais se faz necessário estudá-las a partir dos modos de produção que nelas se inserem, pois são estes modos de produção que irão determinar as suas características e as relações do homem com a natureza.

Dentro desta perspectiva, o homem passa a ser visto como parte integrante da natureza, contribuindo decisivamente para a sua transformação. E à medida que o homem transforma a natureza acaba transformando a sua própria natureza enquanto homem, estabelecendo, assim, uma relação dialética com a natureza como prevê o marxismo de acordo com Araújo (2003). Deste modo, o marxismo apregoa a existência de uma primeira natureza (primitiva) e uma segunda natureza (transformada). E o estudo da natureza, tanto a primitiva quanto a transformada, torna-se fundamental dentro da Geografia, uma vez que possibilita ao homem conhecer a sua história a partir da história da natureza para reconhecer a importância desta para a sociedade.

A partir desta visão, foi incorporada a necessidade de uma metodologia para o ensino da natureza em Geografia que buscasse relacionar as dinâmicas naturais e sociais para se analisar a relação homem-natureza. Esta nova abordagem estaria em consonância com a perspectiva da Geografia Crítica de visualizar o espaço de maneira integrada, relacionando o todo para entender o particular e concebendo a natureza em uma relação dialética com o homem, integrando cada vez mais natureza e sociedade.

Segundo Santos, a Natureza e a sua concepção vão se transformando. O homem primitivo concebia uma Natureza amiga na medida em que podia dispor dela para a sua subsistência através de técnicas rudimentares, era o "seu subsistema útil, seu quadro vital" (SANTOS, 1992, p. 96). Com a elaboração de técnicas mais sofisticadas (a

Eixo Temático 1 – Pesca e Aquicultura: produção, trabalho e cotidiano

tecnociência) que permitem ao homem dominar o meio natural, a Natureza torna-se artificializada, pois o homem passa a interferir decisivamente nos fenômenos naturais, tendo "hoje a ação antrópica efeitos continuados, e cumulativos, graças ao modelo de vida adotado pela humanidade." (SANTOS, 1992, p. 97).

Nos últimos anos, as transformações do quadro natural provocadas pelo homem permitiram a natureza ganhar uma nova concepção: a Natureza hostil. Esta concepção é capaz de conferir muitas idéias errôneas sobre os fenômenos naturais, como por exemplo, a idéia de que as chuvas causam enchentes devastadoras, como se apenas o ato de chover fosse responsável pelas enchentes nas cidades, não levando em consideração a ocupação do homem em áreas de risco.

Outra concepção de natureza observada é a natureza da mídia (SANTOS, 2002). Esta natureza é imposta pelos meios de comunicação em geral, principalmente os televisuais, e traz como principal característica o exagero de certos aspectos em detrimento de outros, apresentando uma parte da natureza como se fosse o todo. Esse exagero é capaz de acender o medo nas pessoas, captando a sua atenção. Nesta Natureza, "a percepção é mutilada, quando a mídia julga necessário, através do sensacional e do medo, captar a atenção." (SANTOS, 1992, p. 102).

Enfim, como já foi dito anteriormente, existem inúmeras concepções de natureza provenientes da Geografia e das demais Ciências. No entanto, o propósito deste trabalho não é realizar um inventário sobre todas as formas de conceber a natureza. De uma maneira geral, aqui estamos mais preocupados em discutir as visões de natureza advindas do chamado senso comum, utilizando para isso a análise da concepção de natureza de um grupo social específico. Afinal, todas estas concepções, oriundas tanto do conhecimento sistematizado quanto do conhecimento cotidiano, estão ligadas a uma forma de pensar o mundo e as relações que nele se (re) produzem.

### III. A NATUREZA PARA OS PESCADORES ARTESANAIS

Eixo Temático 1 – Pesca e Aquicultura: produção, trabalho e cotidiano

A pesca artesanal é uma profissão reconhecida na lei 11.959, art. 8, e possui peculiaridades que nos possibilita enxergá-la além de uma atividade profissional, mas um modo de vida. Uma destas peculiaridades é a estreita relação dos pescadores com a natureza, que se estabelece nas práticas cotidianas, que é caracterizada pela tríade respeito/conhecimento/dependência.

Recentemente, ao participarmos de um encontro de pescadores artesanais do estado do Rio de Janeiro, ouvimos a seguinte frase dita por um pescador: “Meu único patrão é o mar, que fica bravo só de vez em quando”. Cabe mencionar que o pescador disse estas palavras num momento em que discutiam a possibilidade de mudar de atividade, tendo em vista a modernização, e seus impactos, que se verifica em diversas áreas de pesca. No entanto, é uma frase simples, que sintetiza a relação de respeito que o pescador tem com a natureza. Este respeito se justifica pelo fato de ser a natureza que lhe fornece o sustento, ao mesmo tempo em que lhe oferece os perigos.

Neste sentido, o respeito está diretamente ligado a um conjunto de conhecimento sobre o funcionamento do meio físico: dinâmica de maré, correnteza de rios, o tempo, o vento, o sol, a chuva, a vida das espécies marinhas, etc. Em muitas de nossas entrevistas, realizadas nas comunidades pesqueiras, pudemos observar estes conhecimentos nas falas dos pescadores. Fizemos algumas perguntas sobre a produção de pescado, três em especial nos possibilitam constatar estes conhecimentos: Qual o melhor período para pescar? Qual o melhor local para pescar? Qual a técnica utilizada?

Na primeira pergunta as respostas se diversificavam entre períodos ao longo do ano (geralmente faziam referências às estações climáticas) e períodos ao longo do dia (se durante o dia ou durante a noite). A maioria dos pescadores respondeu que prefere o verão, pois é a época do ano em que muitas espécies já estão cumprindo a sua fase reprodutora e que, portanto, os cardumes estão mais cheios. Mas não é só a facilidade de encontrar o peixe que justifica a resposta, mas também o fato de que capturar pescados nesta época do ano não interfere no ciclo de vida dos peixes. Cabe mencionar que, conforme explicam os pescadores, existem épocas distintas para pescar espécies de pescados. Com relação ao período do dia, a maioria dos pescadores prefere pescar a noite, pois, apesar do frio ser maior neste horário, os peixes estão na “flor da água” (superfície da água) e se tornam presas mais fáceis.

Eixo Temático 1 – Pesca e Aquicultura: produção, trabalho e cotidiano

Na segunda pergunta, sobre o melhor local de pesca, lembrando que os pescadores entrevistados pescam somente na baía de Guanabara, tivemos as respostas mais surpreendentes possíveis. Muitos pescadores explicaram que preferem pescar próximo à Ponte Rio-Niterói. Ocorre que esta área fica próxima ao canal de entrada da baía, onde ocorre a ressurgência das águas, ou seja, o encontro das águas frias com as águas quentes, variando de acordo com a estação. Os pescadores não titubeiam em falar que este fato é responsável pela concentração de numerosos cardumes de peixes neste ponto específico, pois “a água fica nem muito quente nem muito fria, o que atrai muitas espécies”, disse um pescador.

Também para a segunda pergunta, ouvimos respostas do tipo: “prefiro pescar onde sai o Imboassú, pois lá tem muito peixe atraído pelos alimentos carreados pelo rio” ou “pesco perto dos currais, porque lá tem muitas sardinhas, então é mais fácil pra matar o robalo”. Estas respostas demonstram o enorme conhecimento dos pescadores quanto à interação dos diversos elementos do meio físico, importantíssimo para que garantam a sua sobrevivência.

A terceira pergunta, sobre as técnicas de pesca, também nos possibilitou ter noção da grandiosidade dos saberes da pesca, que consiste num processo criativo de interação com a natureza. Conhecer as técnicas de pesca artesanal fez com que um de nós (EUZEBIO, 2011) fizesse um trabalho analisando a interação dos pescadores com o meio através das técnicas. Neste trabalho foi feito um quadro expondo três das técnicas mais observadas durante a pesquisa e que apresentaremos a seguir:

**Quadro I: Técnicas de pesca artesanal utilizadas por pescadores na baía de Guanabara.**

Técnicas	Objetos	Perícias	Tipos de Pescado
Arrasto	Rede de arrasto, em diversos tamanhos de malha.	Confecção e costura das malhas da rede; Conhecer os pontos de concentração de cardumes; Conhecer os períodos de movimentação dos pescados; Saber a forma de lançar e puxar a rede.	Tainha, Dourado, Corvina, Xerelete, Bagre, Peixe Espada, Sardinha (variados tipos), Camarão, entre outras espécies.

Eixo Temático 1 – Pesca e Aquicultura: produção, trabalho e cotidiano

Espinhel	Linha, anzol (cerca de dois mil), isca (sardinha "boca torta") e boias.	Preparo dos anzóis na linha; Prender a isca nos anzóis; Noção de área onde a linha deve ser estendida; Conhecer a isca ideal para cada espécie.	Corvina e Bagre.
Puçá	Puçá (tipo de armadilha); isca (pedaços de sardinha); corda; recipiente para armazenar o siri.	Preparo da armadilha; Escolha da melhor isca; Conhecimento dos períodos de movimentação do pescado; Noção de quando os pescados caíram na armadilha.	Siri.

Fonte: Euzebio, 2011. Disponível na biblioteca da Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

No quadro I estão inseridas algumas das muitas informações concedidas pelos pescadores entrevistados sobre como fazem para capturar as espécies de pescado. Cada técnica e suas características específicas revelam o conhecimento necessário para o pescador conseguir capturar algum peixe. São técnicas produzidas pelos seus ancestrais, de origem européia, indígena e africana, confundindo-se, portanto, com a mistura que caracteriza a formação do povo brasileiro (RIBEIRO, 1995).

Muitas vezes somos induzidos a pensar que o conhecimento é algo que se constrói apenas nas instituições formais de ensino, que em sua quase totalidade reproduzem o pensamento da classe dominante. Freire (1987) nos mostra que esta dificuldade de enxergarmos o conhecimento das classes oprimidas é fruto do processo de desumanização engendrado pelos opressores.

A desumanização, que não se verifica apenas no que tem a sua humanidade roubada, mas também, ainda que de forma diferente, nos que a roubam, é a distorção da vocação do *ser mais*. É distorção possível na história, mas não vocação histórica. Na verdade, se admitíssemos que a desumanização é vocação histórica dos homens, nada mais teríamos que fazer, a não ser adotar uma atitude cínica ou de total desespero. A luta pela humanização, pelo trabalho livre, pela desalienação, pela afirmação dos homens como pessoas, como “ser para si”, não teria significação. Esta somente é possível porque a desumanização, mesmo que um fato concreto na história, não é,

Eixo Temático 1 – Pesca e Aquicultura: produção, trabalho e cotidiano

porém, destino dado, mas resultado de uma “ordem” injusta que gera a violência dos opressores e esta, o *ser menos*. (FREIRE, 1987).

A luta contra a desumanização, apontada por Freire, é percebida nas práticas cotidianas daqueles que somam ao espaço geográfico seus conhecimentos, num processo cotidiano de realização da vida. Este é um processo que só é possível, se realizado lentamente, a partir de experiências concretas do cotidiano.

Portanto, os conhecimentos que os pescadores artesanais demonstram ter sobre a natureza, que se diga, não aprenderam na escola, até porque a maioria das pessoas que entrevistamos cursou no máximo até a 3ª série do ensino fundamental, revelam uma relação íntima com o seu meio. São conhecimentos adquiridos nas práticas cotidianas, caracterizadas pela “lentidão dos corpos” (SANTOS, 2008) que sabedorias mais profundas necessitam. Santos nos mostra que os homens lentos, aqueles desprovidos das técnicas mais avançadas, são mais velozes que os homens rápidos na descoberta do mundo, pois, devido a lentidão de seus corpos, estabelecem maiores reflexões sobre o espaço a sua volta, o que possibilita a criatividade (SANTOS, 2008).

#### IV. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nos dias atuais, tem crescido a necessidade de as ciências, humanas ou físicas, se debruçarem sobre a relação homem-natureza. Neste sentido, acreditamos que o melhor caminho é fazê-lo a partir das práticas cotidianas, pois nelas encontraremos caminhos alternativos ao modo dominante de apropriação da natureza.

Na sociedade capitalista, a natureza se torna mercadoria, ou seja, é entendida pela lógica do negócio. Neste caso, é estabelecida uma série de ações que buscam incorporar a dinâmica natural à produção, e em alguns casos, quando isso não é possível, busca-se a substituição da natureza por tecnologias, fazendo surgir à natureza artificial. A natureza “artificializada” ou “domesticada” é fruto de um pensamento racionalizante que busca submeter os elementos naturais ao funcionamento técnico.

A técnica da natureza gera diversos problemas ambientais e conseqüentemente resistências de parcelas da sociedade que a rejeita. No entanto, podemos dividir estas resistências, em dois tipos: as ambientalistas e as tradicionais. A

Eixo Temático 1 – Pesca e Aquicultura: produção, trabalho e cotidiano

primeira, especificamente a corrente preservacionista, parte do princípio de que a manutenção do bom funcionamento da dinâmica natural necessita da não interferência do homem, ou seja, a natureza não deve ser tocada pela ação humana. Em contrapartida, existe outra forma de resistir aos problemas ambientais a partir dos conhecimentos tradicionais. Neste caso, o bom funcionamento da dinâmica natural depende de um uso pelo homem onde este a respeite, e que através de seus conhecimentos possa elaborar suas ações para retirar do meio a sua sobrevivência.

Neste segundo caso, podemos incluir os pescadores artesanais, que com seus saberes herdados de gerações passadas e com o acúmulo de experiências cotidianas estabelecem a forma como devem buscar na natureza os seus meios de sobrevivência. Esta é uma percepção da natureza diferente daquela que busca racionalizá-la, transformando-a em mercadoria, e diferente daquela que a mistifica, tornando-a inviolável pelo homem. É uma percepção de natureza que a incorpora ao seu modo de vida, através das práticas e saberes cotidianos.

Portanto, os pescadores artesanais são pessoas que percebem a natureza, não como algo inerente ou distante, mas como parte de suas vidas. O seu convívio com as incertezas da natureza os torna mais humanos, sobretudo porque o enfrentamento de tais incertezas não se dá pelo pensamento racionalizante, que é diferente de racional, mas pelo conhecimento herdado de outras gerações e recriado no cotidiano de suas vidas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Inês Lacerda. Introdução à Filosofia da Ciência. UFPR, 2003.

APPLE, M. Conhecimento Oficial. São Paulo: Vozes, 1997.

EUZEBIO, Rodrigo Corrêa. Técnicas de Pesca Artesanal: os desafios da atividade pesqueira artesanal em meio às mudanças espaciais na Baía de Guanabara. Trabalho de Monografia (Licenciatura em Geografia) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Formação de Professores – 2011.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. 17ª. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.



**IIº SEMINÁRIO NACIONAL  
ESPAÇOS COSTEIROS**

03 a 06 de junho de 2013

Eixo Temático 1 – Pesca e Aquicultura: produção, trabalho e cotidiano

LENOBLE, R. História da idéia de natureza. Lisboa: Edições 70, 1969. 367p. In: DULLEY, Richard Domingues. Noção de Natureza, Ambiente, Meio Ambiente, Recursos Ambientais e Recursos Naturais. Agric. São Paulo, São Paulo, v. 51, n. 2, p. 15-26, jul./dez. 2004.

RIBEIRO, Darcy. O Povo Brasileiro: A formação e o sentido do Brasil. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SANTOS, Milton. 1992: a redescoberta da Natureza. Aula inaugural da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 10 de março de 1992.

\_\_\_\_\_. Técnica, Espaço, Tempo: Globalização e Meio Técnico-científico-informacional. 5ª Ed. São Paulo: Edusp, 2008.

RESENDE, Alberto Toledo. Metrópole e Formas de Resistência: Atividade Pesqueira Artesanal no Litoral Leste Metropolitano do Rio de Janeiro. Trabalho de Monografia. Departamento de Geografia da Faculdade de Formação de Professores. São Gonçalo: UERJ, 2005.

SANTOS, Renata Vieira Brito dos. Natureza: O Conceito em Construção. São Gonçalo: Universidade do Estado do Rio de Janeiro/ Faculdade de Formação de Professores/ Departamento de Geografia, 2007.

TAMAIIO, Irineu. O professor na construção do conceito de natureza: uma experiência de educação ambiental. – São Paulo: Annablume: WWF, 2002.

VYGOTSKY, L.S. A Formação Social da Mente. 3ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 1991. In: Tamaio, 2002.

\_\_\_\_\_. Pensamento e Linguagem. São Paulo: Martins Fontes, 1989.